

Apresentação

Terra firme sobre o leite derramado

Nelson Ibañez

“Não chorar ou Butantan (terra firme em tupi guarani) sobre o leite derramado” talvez seja uma epígrafe adequada para pensar uma história deste Instituto. Possuir mais de um século de existência faz supor, para uma instituição de ciência e de saúde pública nascida no período republicano brasileiro, uma certa tenacidade e sabedoria, mais que isso uma posição ativa frente às adversidades dadas, não pelo “berço esplêndido”.

Criado para produção do soro antipestoso, ficou inicialmente ligado ao Instituto Bacteriológico, vindo em 1901 a ser instalado por seu diretor Dr. Vital Brazil, na fazenda Butantan. O pioneirismo de seu fundador somado à organização dos serviços de saúde pública em São Paulo, sob a direção de Emílio Ribas, possibilitou, com poucos recursos existentes, a implementação de um modelo de instituto, combinando as atividades de produção de imunoterápicos, à pesquisa e à difusão cultural.

Os trabalhos de pesquisa sobre ofidismo e o desenvolvimento de soros específicos, fazem com que o Instituto obtenha um reconhecimento nacional e internacional. Entra na segunda república com a proposta de criação de um centro de medicina experimental, agregando novas áreas de investigação e pesquisadores estrangeiros.

A ausência de políticas efetivas na ciência brasileira e os problemas com o financiamento do setor são questões que irão percorrer toda sua história. Seu caminho ainda nos diferentes períodos do século XX será cruzado pelas situações de mercado de uma incipiente indústria nacional concorrente, o corporativismo, sua inserção mais estadual que nacional e a própria organização das políticas públicas na área da saúde. A década de 80 irá representar, com a redemocratização do país, a crise de produção de imunobiológicos e a definição de políticas de auto-suficiência nesta área, uma mudança substantiva nos rumos do instituto na direção de sua modernização. Isto faz com que o instituto, no período mais recente, assuma cada vez mais ações de cunho federativo, onde a convergência tanto de fatores internos quanto externos, criaram uma linha de horizonte complexa cheia de incertezas e desafios.

O Laboratório Especial de História da Ciência foi criado neste período. Talvez o inconsciente institucional tenha cobrado frente a essas incertezas e desafios uma reflexão mais sistemática sobre o seu passado.

A tendência, quando estamos fracassando, é olhar para trás e ver os “anos dourados” como o melhor de nossa existência e repetirmos as mesmas perguntas e projetarmos as mesmas imagens que criamos sobre a nossa identidade. Ainda bem que vivemos um período de relativo sucesso e de auto-estima institucional. Isto possibilita aos pesquisadores que estão construindo este laboratório, entre as coisas deixadas de lado do patrimônio institucional, pensar novas perguntas, revelar negativos que a memória deixou num canto e quase são jogados no lixo.

Seria chorar sobre o leite derramado dizer que já deveríamos ter avançado nesta direção há muito tempo. Seria também injusto desconhecer os esforços de vários dirigentes e pesquisadores da instituição que ao longo da história vem acumulando trabalhos, acervos e contribuições nesta área. Basta lembrar que a primeira publicação “Memórias do Instituto Butantan” data de 1918.

Dentre as atribuições do Laboratório constam: o desenvolvimento de pesquisas na área de História da Ciência relacionada ao Instituto Butantan, visando abranger os temas relativos ao desenvolvimento científico e tecnológico, à inserção social e à saúde pública brasileira; estabelecer cooperações formais com instituições universitárias e afins, visando a ampliação do campo de pesquisa no IB; auxiliar através do desenvolvimento de projetos de pesquisa na área a organização e a ampliação do acervo documental do IB; organizar e participar de atividades relacionadas à educação continuada e à capacitação multiprofissional na área de História da Ciência e organizar, através de publicações específicas da área, a difusão de pesquisas realizadas de interesse para o desenvolvimento do IB.

Relativa a esta última atribuição, a idéia de lançar os “Cadernos de História da Ciência – Instituto Butantan” é uma semente para uma publicação periódica e o desafio para a construção de veículo de reflexão e divulgação para os trabalhos de pesquisadores da área de história da ciência ligada à saúde pública.

Este primeiro número dos “Cadernos” é de certa forma especial, pois não apresenta o rigor formal de uma publicação científica *strito sensu* e foi composto pela coletânea de textos e falas de quatro seminários realizados em 2004, cada um buscando abordar aspectos históricos referentes à missão do Instituto assim ordenados:

- Resultado sobre a luta travada: “A Vacina antivariólica no Instituto Butantan 1925-1980” – este seminário apresenta os depoimentos de ex-funcionários responsáveis pela produção da vacina antivariólica no Instituto, quais sejam, os Doutores Murilo A. Soares e José Amaral do Prado e os senhores Benedito de Moraes, Dirceu Bertolino e Odilon Moreira. A recuperação histórica da doença e sua trajetória no Brasil até a erradicação na década de 80, bem como o resgate iconográfico das técnicas de produção representaram o foco da edição deste seminário. Os comentaristas, o Dr. Arari Tiriba professor emérito da área de Moléstias Infeciosas que esteve a frente no Hospital Emílio Ribas em diferentes

momentos da história da varíola em São Paulo abordou os aspectos clínico e epidemiológico e o Dr. José Rubens de Alcântara, pesquisador do Instituto da Saúde SES que, em sua fala resgatou a figura histórica do sanitarista Dr. Rui Soares e trechos de sua cartilha sobre o combate à varíola. Infelizmente as falas gravadas não puderam ser reproduzidas por problemas técnicos.

- Conhecimento sobre o lote demarcado: “Toxinas, imunidade e memórias” – este seminário trouxe a reflexão de dois pesquisadores: a Profa. Dra. Marcella Faria de Almeida Prado do Instituto de Química da USP e o Prof. Dr. Osvaldo Augusto Sant’Anna do Instituto Butantan, sobre a produção de conhecimento em instituições de pesquisa. A história da imunologia remonta ao início do século passado. Alguns dos conceitos cunhados e observações cruciais se deram simultaneamente na França e no Brasil, conferindo ao Butantan um papel relevante e pioneiro nessa área do conhecimento. Tal história foi revisitada de forma a ilustrar o processo de geração de conhecimento e a relação entre ciência básica e aplicada. A seguir, a biologia celular, em seu sentido mais amplo, foi utilizada como modelo para ilustrar conceitos como memória e organização, examinando-se a lógica celular como mínima identidade da vida, ampliada para os organismos e as instituições.
- História sobre o leito viajado: “Museu Histórico e Horto Oswaldo Cruz: origens e memória” – o seminário procurou resgatar o esforço em recuperar parte da história do Instituto Butantan, por meio da valorização de duas antigas edificações e a utilização de seus espaços internos: o Museu Histórico e o Horto Oswaldo Cruz. A construção e a atuação do Museu Histórico e a recuperação do acervo de interesse institucional foram apresentados pelo Prof. Henrique Moisés Canter e pelo Sr. Lucio Catani, o “Paraná”, ambos do Instituto Butantan e pela Dra. Jandira Lopes de Oliveira, do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas. Adriano

Dias de Oliveira, do Instituto Butantan, fez uma reflexão sobre os vários usos do espaço relativo ao Horto Oswaldo Cruz, desde sua criação em 1916 até a atualidade e a Dra. Maria Amélia Mascarenhas Dantes, do Departamento de História da USP, comentou sobre a importância em resgatar fragmentos da história institucional através de depoimentos e da reflexão do passado.

- Reflexões sobre a linha traçada: “Experiência dos institutos de pesquisa em São Paulo” – este seminário procurou abordar as experiências dos Institutos Biológico, Pasteur e Butantan, no que diz respeito às suas atuações e linhas de pesquisa junto à saúde pública em São Paulo. Os depoimentos do Prof. Dr. Osvaldo Augusto Sant’Anna (Instituto Biológico), da Dra. Maria de Lourdes A. B. Reichmann (Instituto Pasteur) recuperaram parte da história dessas instituições e de suas trajetórias enquanto institutos de pesquisa e produção. O Prof. Dr. Nelson Ibañez (Instituto Butantan) e o Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho (UNESP – Campus Bauru) apresentaram, a partir de referências históricas, duas abordagens para análise: uma da corrente institucionalista para desenho de uma periodização preliminar e outra abordando a cultura institucional como referencial teórico. Os debates realizados pelo Prof. Dr. José da Rocha Carneiro, da Fiocruz e Prof. Dr. Shozo Motyama, da USP, entre os diferentes aspectos abordados destacaram a importância do debate histórico institucional enquanto delimitação de trajetórias a seguir frente aos novos desafios da globalização.